



O TRABALHO PEDAGÓGICO POSSÍVEL NA ATENÇÃO PRIMÁRIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Camila Maria da Silva (UFMT) – psicamilams@gmail.com

Vinícius Costa Becker (UFMT) – viccobecker@gmail.com

GT 5: EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

Resumo:

O presente trabalho pretende evidenciar o caráter pedagógico das unidades de Atenção Primária em relação à promoção de saúde mental, ao destacar a sua relação direta e territorial junto aos usuários, bem como o trabalho de mediação realizado pelas Agentes Comunitárias de Saúde (ACS) que facilita a ação pedagógica necessária ao processo de atenção e cuidado à saúde. Nesse sentido, buscou-se entender as possibilidades de atuação e as condições de trabalho das(os) profissionais do campo, através de uma roda de conversa em metodologia ativa que tinha como objetivo discutir a temática do suicídio e suas significações, de modo que pudesse oferecer orientações e fomentar reflexões à equipe.

Palavras-chave: Atenção Primária. Caráter pedagógico. Condições de trabalho.

1 Introdução

Ao entender que a promoção de saúde diz respeito à disponibilização de uma estrutura de oportunidades para o desenvolvimento humano, compreende-se, do mesmo modo, que a sua expressão singular (aspectos individuais e fisiológicos) está condicionada a uma série de determinações concretas do modo como os sujeitos se reproduzem socialmente. Nesse sentido, para conduzir uma prática no campo da saúde que efetivamente atenda às necessidades de seus usuários de modo a não privilegiar determinados critérios de saúde em detrimento de outros, faz-se necessário articular uma rede de atenção que disponha de condições objetivas e subjetivas para ofertar os serviços demandados pelos problemas que emergem em meio aos territórios, ainda que seja necessário ações voltadas para a transformação substancial dos modos de vida (ZURBA, 2011).

Dentro da saúde pública essas concepções se objetivam através de diferentes facetas de atuação, como a presença de equipes multiprofissionais, o apoio matricial e também de medidas de prevenção e enfrentamento aos fatores de risco no campo da saúde, esta que atua por meio de exercícios pedagógicos junto das comunidades, encabeçados pela rede de atenção básica. Evidentemente, que encontramos muitas

contradições e insuficiências no serviço, dessa forma, seria ingênuo acreditar em uma onipotência do sistema público de saúde, desconsiderando os atravessamentos que obstruem o pleno funcionamento e efetivação das diretrizes e políticas do Sistema Único de Saúde (SUS).

Nessa perspectiva, ainda que ameaçado violentamente, o SUS conta com o potencial de assumir e manejar as demandas que lhe são incumbidas. Nesse sentido, com os meios que possui, lhe é possível realizar uma articulação da rede de atenção e assistência para organizar estratégias de atuação dedicadas a fomentar processos de acompanhamento contínuo dos usuários. Assim, a noção de apoio matricial é fundamental para operacionalizar o que foi descrito anteriormente. Segundo Campos e Domitti (2007), o apoio matricial é entendido enquanto uma prática que visa oferecer às equipes de referência o aporte técnico-pedagógico necessário para condução dos casos individuais.

Portanto, busca-se refletir o trabalho pedagógico possível nos espaços de atenção primária, sobretudo, na Estratégia de Saúde da Família (ESF), a partir dos conteúdos observados na prática de Estágio Básico em Contextos Clínicos e de Saúde da Universidade Federal de Mato Grosso.

2 Desenvolvimento

A experiência a ser compartilhada refere-se à condução de uma roda de conversa em metodologia ativa acerca do tema de prevenção ao suicídio em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) na região sul de Cuiabá, responsável pelo território dos bairros Jardim Fortaleza e Santa Laura. A atividade consistia em um esforço conjunto das(o) estagiárias(o) do curso de Psicologia - UFMT e a equipe do Centro de Atenção Psicossocial Adolescer (CAPS-Adolescer) com vistas a disponibilização de um espaço formativo às(aos) envolvidas(os), a ampliação do conhecimento dos sujeitos acerca das especificidades do trabalho realizado pela Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), sobretudo dos CAPS e, por fim, propiciar um ambiente para o acolhimento das angústias em relação ao tema do suicídio e promoção de saúde mental no âmbito da atenção primária.

O grupo era composto por 17 participantes, distribuídos nas categorias de recepcionistas, técnicas de enfermagem, enfermeira, atendente de farmácia, agentes comunitárias de saúde (ACS) e usuários. Em decorrência da pandemia da Covid-19, as medidas sanitárias cabíveis foram adotadas para a condução da atividade. Com isso,

pretendeu-se tecer breves considerações como ponto de partida para a discussão pretendida, de forma a abrir o espaço para que os presentes pudessem expor a suas significações acerca do trabalho realizado, assim como os impasses identificados cotidianamente.

Diante das intervenções, descobriu-se que a última capacitação da equipe direcionada à temática do suicídio foi realizada no ano de 2019, de modo que, desde então, as(os) profissionais encontram-se na exigência de desenvolver as habilidades necessárias ao acolhimento e atenção em casos de risco de suicídio de maneira autônoma. Em vista disso, tal tendência pode apresentar um saldo negativo à prestação de serviços, devido a ausência de um itinerário formativo que atenda as necessidades apresentadas pelo território de atuação. Além disso, segundo as(os) profissionais, situações que anunciam comportamentos suicidas tiveram um aumento neste momento de crise sanitária, em razão da crise econômica, política e social que é acentuada e expressa em uma maior fragilização das condições de vida, tencionando um maior requerimento do serviço.

Portanto, nota-se que há uma discrepância entre as demandas e a disponibilização do serviço, condição que não deve ser compreendida como a escolha ou vontade da equipe. Isso pode ser ilustrado por meio da fala da técnica responsável pela unidade, em que relata a dificuldade de administrar os encargos, de modo que algumas ações precisam ser priorizadas diante da quantidade de solicitações que são recebidas. Em vista disso, não houveram condições de articulação de uma campanha educativa em relação ao suicídio junto da comunidade nos últimos tempos, ainda que fosse reconhecido a sua essencialidade.

Concomitantemente, percebe-se pouca interface com a RAPS, assim, compromete-se a atuação dado que se restringe as possibilidades de matriciamento e, conseqüentemente, o exercício do compartilhamento de informações e a articulação da rede. Em meio às falas, descobriu-se que um dos membros da equipe, nos momentos em que se mostrava preciso, contatava a própria mãe, trabalhadora da policlínica, para facilitação do processo de encaminhamentos, o que evidencia o engessamento da rede e, por esse motivo, a necessidade de um forte diálogo entre os distintos níveis e equipamentos do serviço público de saúde e assistência enquanto tática específica para amenizar as fragilidades destacadas, reconhecendo a exigência de ações profundas na organização do sistema.

Entretanto, notou-se o trabalho de mediação realizado pelas ACS enquanto ferramenta pedagógica importante para ações coletivas no seio dos espaços comunitários. Por sua posição de membro da comunidade e de representante de um saber técnico-científico, as(os) ACS dispõe de um espaço estratégico para desenvolvimento de ações orientadas para o adensamento da compreensão, por parte dos atores sociais, dos condicionantes do processo de sofrimento psíquico, por exemplo, além de ter acesso às demais questões sociais que envolvem os bairros de atuação. Contudo, é importante destacar que a mediação será efetiva no momento em que reivindicar uma posição transformadora, alinhada aos princípios da Educação Popular. (BORNSTEIN e STOTZ, 2008).

Nesse sentido, reitera-se que as(os) ACS não se encontram apartadas(os) dos desafios institucionais e estruturais que sedimentam a prática possível no campo da atenção básica e, por esse motivo, a sua atuação vem a ser prejudicada pelas circunstâncias elencadas anteriormente, como os impasses concretos de organização de uma rede que disponha do que é necessário para sua manutenção e o auxílio formativo no entendimento dos casos e alternativas de manejo de situações de maior complexidade, como seria o caso do matriciamento.

Verificou-se, também, que a equipe mostra uma compreensão crítica e politizada de suas condições de trabalho e, até mesmo de sua função pedagógica na promoção de saúde. Uma das ACS presentes proferiu uma fala que destacava o seu papel de *multiplicadora* de conhecimentos junto da comunidade. Acrescenta-se que, conforme nos ensina Paulo Freire e Nogueira (1989), a educação, nesse caso, o processo pedagógico na atenção primária, deve concentrar-se nos esforços para a mobilização e capacitação das classes populares para o exercício do poder, isto é, para a sua participação e autonomia nos assuntos que lhe são do interesse. A relação pedagógica que empreende o oposto é, portanto, anti-dialógica e, desse modo, massificadora.

3 Considerações finais

A partir do exposto, torna-se possível inferir a potencialidade do conjunto da Atenção Primária para o processo pedagógico que culminaria em uma complexificação da compreensão das determinações do processo de sofrimento psíquico, de modo a propiciar maior engajamento da população na construção de alternativas coletivas de

superação dos problemas situados territorialmente e que são expressão da dinâmica estrutural da sociabilidade.

Contudo, entende-se que a fragilização e precarização do serviço público encarna muito desafios às(aos) trabalhadoras(es), de maneira que as condições objetivas e subjetivas de trabalho frustram o planejamento das ações voltadas aos temas latentes na comunidade, nesse caso, o suicídio. Destaca-se, portanto, a ausência de processos pedagógicos internos que viriam a incrementar a comunicação externa e, nesse ínterim, compreende-se o apoio matricial enquanto estratégia de suporte técnico-pedagógico importante na estruturação de intervenções no campo da saúde (FERREIRA; FAJARDO; MELLO, 2019).

Por fim, a experiência descrita consiste em uma atividade pontual e, como consequência, limitada em certos aspectos. A compreensão dos elementos fundantes do trabalho de atenção e cuidado na rede pública requer um acompanhamento prolongado e análise sistemática para maiores e precisas elaborações. Nesse sentido, buscou-se apresentar aquilo que se destacou frente às observações realizadas no curto espaço de tempo da atividade.

Referências

BORNSTEIN, Vera Joana; STOTZ, Eduardo Navarro. O trabalho dos agentes comunitários de saúde: entre a mediação convencidora e a transformadora. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 6, p. 457-480, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/HXZkfKw3YhMmhx8Ywgy4Pv/abstract/?lang=pt&format=html>

CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa; DOMITTI, Ana Carla. Apoio matricial e equipe de referência: uma metodologia para gestão do trabalho interdisciplinar em saúde. **Cadernos de saúde pública**, v. 23, p. 399-407, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/VkBG59Yh4g3t6n8ydjMRCQj/abstract/?lang=pt&format=html>

FERREIRA, Geovana da Silva; FAJARDO, Ananyr Porto; MELLO, Eliana Dable de. Possibilidades de abordagem do tema do suicídio na Estratégia Saúde da Família. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 29, p. e 290413, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/physis/2019.v29n4/e290413/>

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer: teoria prática em educação popular**. 1989.

ZURBA, Magda do Canto. Contribuições da psicologia social para o psicólogo na saúde coletiva. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, p. 5-11, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/d9P9s6KSnY7TJRWhpnx8YBx/abstract/?lang=pt>